

## ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS EM CONTEXTO ESCOLAR

Benedito Antunes (UNESP, Assis)

**RESUMO:** A comunicação aborda questões teóricas relativas à tradução e à adaptação de obras literárias e suas implicações no ensino de literatura. Para isso, elege como corpus a adaptação de textos de Machado de Assis realizada pela escritora Patrícia Secco. Com base no princípio de que a tradução é indispensável para a difusão da literatura independentemente do idioma em que é produzida, procura-se discutir diferentes modos desse procedimento, incluindo a adaptação. Do ponto de vista teórico, considera-se que, na tradução de uma língua para outra, a adaptação pode ocorrer em graus variados, conforme se observa na comparação de traduções de um texto clássico traduzido em diferentes épocas. No tocante ao ensino, a importância da adaptação é relevante não apenas para o conhecimento do patrimônio literário universal como também para a leitura de clássicos em língua materna. Ao estabelecer algum tipo de diálogo com autores clássicos, muitas vezes recriando o texto original em contexto contemporâneo, a adaptação tem contribuído para a formação de leitores de literatura. Apesar disso, observam-se com frequência restrições às adaptações, principalmente quando há redução ou simplificação da obra original. A rigor, adaptar ou mesmo simplificar um clássico não é nenhuma blasfêmia, desde que não se engane o leitor. Este deve saber que não está lendo o texto original. Por outro lado, é preciso considerar que ler literatura é também passar por uma experiência nova, de aprendizado de um uso diferente da língua cotidiana. Neste ponto, entra a competência do professor como mediador de leitura, que deveria ser capaz de aproximar da obra literária o leitor em formação, lançando mão de vários recursos, inclusive atualizando sua linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução, Adaptação literária, Ensino de Literatura, Formação do leitor.

Esta comunicação consiste numa reflexão sobre as adaptações literárias que toma como motivo inicial a polêmica provocada, em 2014, pela escritora e empresária Patrícia Engel Secco ao propor a adaptação de clássicos da literatura brasileira com a finalidade de facilitar sua leitura por um público mais amplo. A maioria dos professores e críticos ouvidos pela imprensa para comentar o fato massacrou a escritora, nem sempre procurando entender mais a fundo a questão. A proposta da escritora, que

também é proprietária da Secco Assessoria Empresarial S/C Ltda., visava à produção de versões simplificadas de *O alienista*, de Machado de Machado de Assis, e *A pata da gazela*, de José de Alencar. Para produzir os livros, captou, com o aval do MEC, mais de um milhão de reais.

Deixando um pouco de lado a polêmica gerada pela proposta, cabe analisar o cerne da questão, isto é, a sua finalidade pedagógica, que chegou a merecer o apoio institucional do MEC. Desse ponto de vista, o episódio pode ensinar alguma coisa, pois a difusão da leitura e o ensino de literatura passam constantemente por práticas de paráfrase e adaptação, de forma direta ou indireta. Para começar, gostaria de evocar, numa espécie de epígrafe, duas observações.

Quando publicou o romance *Serafim Ponte Grande*, Oswald de Andrade colocou no lugar do *copyright* (chancela dos direitos autorais e da propriedade literária) os seguintes dizeres: “Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em todas as línguas – São Paulo – 1933”. Trata-se, como diz Haroldo de Campos no célebre estudo “Serafim: um grande não-livro” (1972), de uma maneira de contestar o próprio livro pela sua materialidade, pela sua fisicalidade, como o escritor fará, aliás, com outros elementos do paratexto.

A paráfrase do *copyright* “em tom de escarninho”, que recorda a possibilidade de deformação inerente ao processo de tradução da obra literária, faz recordar uma avaliação recente de Antonio Candido, feita em contexto particular a propósito da obra de Machado de Assis. É sabido que Antonio Candido prefere reler textos clássicos a enfrentar novas leituras. E nessa releitura tem contemplado principalmente Machado de Assis, inclusive em outras línguas, como o francês e o inglês. Surgiu dessa experiência o comentário de que a qualidade de Machado de Assis não desaparece mesmo nas traduções ruins.

Parto dessas duas evocações para abordar um tema que normalmente é visto com reservas no meio acadêmico, mas que é praticado largamente pelo mercado editorial, com uso profícuo nas práticas educacionais: a adaptação literária. A iniciativa de Patrícia Secco foi alvo de severos ataques, a maioria deles com fundamentadas razões de ordem estética e mesmo pedagógica. Afinal, para ler os clássicos de Machado de Assis e de José de Alencar, mesmo um leitor pouco experiente não dependeria de versões simplificadas das obras. Em todo caso, o fato merece ser analisado sem a paixão daquele momento para que se possa compreender sua motivação inicial, observando o

que havia de objetivo na proposta. Retomo, para isso, algumas questões que abordei numa entrevista concedida à *Veja* online em 9 de maio de 2014 e que foram ignoradas pela jornalista responsável pela matéria.

Na referida entrevista, além de reiterar pontos destacados por professores e críticos, observei que a polêmica tocava em um problema real quando se trata de textos antigos, que oferecem alguma dificuldade para o leitor contemporâneo. Evidentemente, do ponto de vista literário, é um desrespeito alterar o texto de um escritor para facilitar a sua leitura. Há publicações de todos os níveis para satisfazer a diferentes leitores sem que seja necessário recorrer à simplificação vocabular e sintática de um clássico como Machado de Assis para difundir a leitura literária entre as pessoas mais simples, como pretendia a escritora.

Por outro lado, é preciso recordar que sempre existiram adaptações e releituras de textos clássicos, inclusive em outras linguagens, como história em quadrinhos, cinema, teatro e até games. Ao estabelecerem algum tipo de diálogo com autores clássicos, muitas vezes recriando o texto original em contexto contemporâneo, essas adaptações têm desempenhado importante papel na formação de leitores. Nesses casos, não se questiona sua validade, pois não se espera encontrar ali o texto original.

Clássicos infanto-juvenis são conhecidos muito mais pelas adaptações, em geral reduzidas, do que pelo texto original. Basta pensar na variedade de versões de *Pinóquio*, *A branca de neve*, *Alice no país das maravilhas* e muitas outras obras disponíveis no mercado. E mesmo os clássicos universais da chamada grande literatura são geralmente oferecidos a crianças e jovens em textos adaptados, como *Dom Quixote*, *As viagens de Gulliver*, *Robinson Crusoe*. Aliás, Monteiro Lobato criou grande parte de sua obra infantil traduzindo, adaptando e mesmo recriando clássicos.

E aqui se observa uma questão que talvez ajude a compreender a polêmica provocada pela simplificação de Machado de Assis: a maioria dessas adaptações é constituída de traduções. A tradução de uma língua para outra parece autorizada a fazer as devidas adequações do texto original, enquanto que a tradução de uma obra no interior da mesma língua parece simplificação ou deturpação.

Recorro a uma experiência pessoal para ilustrar o problema. Ouvi de um imigrante italiano que preferia ler o *Decameron* de Boccaccio em português do que no original italiano, pois a tradução é mais acessível. E isso tem uma explicação. Escrito no século XIV, o original está num italiano muito distante do utilizado nos dias de hoje.

Entretanto, ao ser vertido para um idioma estrangeiro, tende a incorporar a língua em seu estado atual. A esse propósito, costuma-se dizer que o texto original permanece estável, isto é, teoricamente continua sempre o mesmo, enquanto as traduções carregam as marcas de cada momento em que são realizadas. Na passagem de uma obra de quatro ou cinco séculos atrás para outra língua, é inevitável que a língua de chegada seja atualizada, pois o tradutor, enquanto leitor é proficiente na leitura de um texto antigo, mas no momento de traduzi-lo vale-se de sua condição de falante da língua em seu estado contemporâneo.

A menção à obra de Boccaccio neste caso é oportuna. Saiu recentemente uma nova tradução em português de *Decameron*, feita pela tradutora e escritora Ivone C. Benedetti, que além de cuidar para que a obra fosse publicada integralmente, procurou recuperar aquela “pátina do tempo”, perdida na tradução mais conhecida do livro no Brasil. Ao comentar seu trabalho, a tradutora aproveita para criticar, com base na sua longa experiência, um preconceito que circula no meio editorial e tem a ver com a polêmica sobre adaptação e simplificação: o de que o público brasileiro é inculto e não pode ser afastado dos livros por causa de construções difíceis (BENEDETTI, s/d).

Assim, enquanto as adaptações praticadas nas traduções são aceitas e muitas vezes nem chegam a ser percebidas, as que ocorrem no plano intralinguístico são vistas com ressalvas porque deixam à mostra a perda do sabor original da obra. Bem avaliadas as coisas, porém, constata-se que a perda é relativa e mesmo necessária, dependendo dos objetivos da leitura. Para estudar a *Carta a El-Rei Dom Manuel*, de Pero Vaz de Caminha, raramente se recorre aos textos originais. A não ser que se pretenda realizar um estudo linguístico específico, utilizam-se as edições atualizadas para o português contemporâneo. Para se perceber a praticidade dessa atualização, observem-se os seguintes versos de uma cantiga de amigo medieval:

Ondas do mar de Vigo,  
Se vistes meu amigo?  
E ai Deus, se verrá cedo!

Por causa de dificuldades de ordem semântica e sintática, em contexto escolar é aceitável que eles sejam atualizados para algo como:

Ondas do mar de Vigo,  
Acaso vistes meu namorado?  
Queira Deus que ele venha cedo!

Essa atualização, porém, justifica-se apenas como explicação oral, de forma que se possa retornar ao texto original e apreciar a sua construção. Nesse caso, a paráfrase, embora mais ingênua e desprovida de poesia, torna o original facilmente compreensível, e é essa sua finalidade. Já a sua publicação em texto autônomo requereria outros cuidados para contornar as perdas estéticas. Dificuldade semelhante pode ser encontrada mesmo num texto mais recente e em prosa. Veja-se um exemplo colhido ao acaso em *Senhora*, de José de Alencar, especialmente o parágrafo em que o narrador comenta a maneira como Aurélia se dirige a Seixas:

A moça apontou a Seixas uma cadeira próxima.

– Sente-se meu marido.

Com que tom acerbo e excruciante lançou a moça esta frase *meu marido*, que nos seus lábios ríspidos acerava-se como um dardo ervado de cáustica ironia!

Seixas sentou-se.

Dominava-o a estranha fascinação dessa mulher, e ainda mais a situação incrível a que fora arrastado. (ALENCAR, 2002, p. 76).

Não se trata, evidentemente, de um texto de fácil compreensão para o jovem leitor de hoje. Há dificuldade vocabular, sintática e mesmo de tom, relativo às formalidades de uma cena burguesa passada na Corte do século XIX. Na sala de aula, certamente um professor de qualquer nível de ensino procurará traduzi-lo oralmente para que seu aluno compreenda a força expressiva de Alencar, mas mudar ou simplificar o texto significaria destruir o estilo do Autor. A tarefa docente consistirá, pois, em aproximar o aluno do texto para que ele possa fruir a obra de Alencar. Mesmo assim, há experiências de adaptação que procuram estabelecer uma ponte entre o leitor e a obra original. Veja-se o exemplo a seguir:

Era no tempo do rei.

Havia, naquela época, os *meirinhos*, oficiais judiciários que gozavam de grande consideração. Havia também o *canto dos meirinhos*, que ficava na esquina da rua do Ouvidor com a da Quitanda. Lá eles se reuniam. Eram gente temível e respeitada. Trajavam cascas pretas, calças e meias da mesma cor, sapatos afivelados e, na cintura, uma espada. Sobre tudo isso, um chapéu complicado, cheio de plumas.

O meirinho usava e abusava de sua posição. Tornava-se terrível para qualquer pessoa que esbarrasse com uma daquelas figuras: ela desdobrava uma folha de papel e começava a lê-la em tom confidencial. Não havia remédio. O cidadão acabava pronunciando as palavras fatais:

– Dou-me por citado. (ALMEIDA, 2000, p. 9).

Nenhum leitor mais ou menos familiarizado com a literatura brasileira terá dificuldade para perceber que se encontra aqui diante do trecho inicial do clássico *Memórias de um sargento de milícias*. Mas deverá ser um leitor atento para saber que o texto não é o de Manuel Antônio de Almeida, mas sim a adaptação de Carlos Heitor Cony. Só para se ter uma ideia da diferença, o início do romance em sua versão original possui 455 palavras, que foram reduzidas a 114 na versão adaptada, ou seja, esta contém apenas 30% do texto original. O procedimento é simples: recorte de passagens, simplificação vocabular e sintática, deslocamentos de sintagmas. Assim, observam-se mudanças como: *meirinhos* => **oficiais judiciários**; *de não pequena consideração* => **de grande consideração**; *calção* => **calça**; *ilharga* => **cintura**; *espadim* => **espada**; *chapéu armada* => **chapéu complicado**; *cidadão* => **pessoa**.

A rigor, adaptar ou mesmo simplificar um clássico não é nenhuma blasfêmia, desde que não se engane o leitor. Este deve saber que não está lendo o texto original. Carlos Heitor Cony, que adaptou, além do livro de Manuel Antônio de Almeida, clássicos como *O Ateneu*, de Raul Pompeia, e *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz, ao ser indagado se reescrevia ou resumia os livros, respondeu: “Era uma condensação. Eu eliminava pontos mortos, alguns diálogos, detalhes técnicos. Deixava o texto mais denso. Mas preservava a história, o clima e principalmente a expectativa” (CONY, 2010). Cony foi taxativo: “O bom adaptador não falseia o original”.

Falsear o original – este parece ter sido o problema de Patrícia Secco, e não propriamente a sua iniciativa de adaptar clássicos. Basta examinar um parágrafo de sua adaptação de “O alienista” para se perceber os equívocos do trabalho. O texto mantém praticamente a mesma extensão do original; as mudanças são principalmente de ordem vocabular e sintática:

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo. (ASSIS, 1962, p. 253).

*As crônicas da vila de Itaguaí dizem que, em tempos remotos, viveu ali um médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho de nobres e o*

*maior dos médicos do Brasil, de Portugal e da Espanha. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos, regressou ao Brasil, uma vez que o rei não conseguiu fazer com que ficasse em Coimbra, dirigindo a universidade, ou, em Lisboa, cuidando dos negócios da monarquia.*

*– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu único emprego. Itaguaí é o meu universo. (ASSIS, 2014, p. 5).*

As críticas a essa adaptação são unânimes ao apontarem para a incompetência da autora. Destacam, além das deformações de estilo, erros grosseiros de ordem histórica e até mesmo de compreensão do texto de Machado. Detalhes dos principais problemas do trabalho de Patrícia Secco podem ser vistos no minucioso estudo de José Maria e Silva, “Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis”. No entender desse autor, “uma das primeiras justificativas para se adaptar uma obra é, sem dúvida, sua extensão”, pois “poucas crianças são capazes de ler um romance ou uma epopeia que se estende por mais de 500 páginas.” (SILVA, 2010). Concordando com Cony, de quem valoriza as adaptações de clássicos, considera que “a boa adaptação é uma espécie de resumo que tenta extrair a essência da obra sem desvirtuá-la”. Já Patrícia Secco, na sua opinião, falseia o Machado, já que sua obra não depende de simplificação para ser compreendida.

A obra machadiana é basicamente linguagem. Em seus romances, não há enredos rocambolosos nem profusão de personagens, como há em Homero, Cervantes e nos clássicos românticos. Mesmo *O Alienista*, talvez o enredo mais movimentado de toda a sua obra, depende substancialmente da linguagem, pois é nela que moram a argúcia e a ironia do conto. (SILVA, 2010).

Após apontar uma gama enorme de equívocos na adaptação do livro de Machado, conclui com a pergunta: “Por que Patrícia Secco e sua equipe cometem essa profusão de erros de extrema gravidade ao adaptar o conto de Machado de Assis?” E responde:

Sem dúvida, porque não estão à altura da tarefa. No fundo, a escritora e seus amigos jornalistas, a cada vez que buscam um sinônimo para um termo ou expressão do conto, estão traduzindo a obra para eles próprios e não para o eletricista, o faxineiro, o motorista de táxi, que precisam menos do que eles dessa facilitação. [...]. Imagino Patrícia Secco ouvindo uma rádio AM do interior na década de 70, quando o Brasil era muito menos escolarizado do que hoje. Ela ficaria pasmada (ou “espantada” conforme sua tradução de Machado) ao se dar conta de que um dos grandes sucessos de Tônico & Tinoco, dedicado por peões de fazenda às suas respectivas namoradas, era a canção *O*

*Gondoleiro do Amor*, um poema de Castro Alves, cantado pela dupla caipira ao som de violinos. Saudosos tempos em que uma dupla de lavradores elevava o povo até Castro Alves; hoje, gente como Patrícia Secco faz é rebaixar o povo quando dá a ele um Machado de Assis no nível de si mesma. (SILVA, 2010).

Para concluir, é oportuno acrescentar que ler literatura é também passar por uma experiência nova, de aprendizado de um uso diferente da língua cotidiana. Nesse sentido, o que talvez esteja faltando é um ensino eficiente de literatura, que proporcione aos jovens o contato com os grandes clássicos de nossa língua. Neste ponto, entra a competência do professor como mediador de leitura, que deveria ser capaz de aproximar o leitor em formação da obra literária, lançando mão de vários recursos, inclusive atualizando sua linguagem. Já deformar o texto para torná-lo acessível significa privar o leitor desse processo, que lhe proporciona o verdadeiro prazer de ler literatura.

## Referências

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Ática, 2002.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Adaptação de Carlos Heitor Cony. São Paulo: Scipione, 2000. (Série Reencontro).

ASSIS, Machado de. O alienista. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar. 1962. V.2, p. 253-88.

ASSIS, Machado de. *O alienista*. Texto facilitado para incentivo à leitura / Adaptação de Patrícia Engel Secco. S/l: Secco Assessoria Empresarial, 2014. 76 p. Apoio: Lei de Incentivo à Cultura – Ministério da Cultura.

BENEDETTI, Ivone. Tradução do *Decameron*: tónus e público. Palestra proferida na Unicamp durante o Colóquio 700 anos de Boccaccio. Disponível em:



<http://www.ivonebenedetti.com.br/decameron-traducao-tonus-publico>. Acesso em: 15.11.2016.

CAMPOS, Haroldo de. Serafim: um grande não-livro. In: ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar / Serafim Ponte Grande*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. (Obras completas de Oswald de Andrade, 2). p. 99-127.

CONY, Carlos Heitor. O mandarim: entrevista com Carlos Heitor Cony. *Cult*, São Paulo, [2010]. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/entrevista-carlos-heitor-cony-2/>. Acesso em: 15.11.2016.

SILVA, José Maria e, Discípula de Paulo Freire assassina Machado de Assis. *Jornal Opção*, Goiânia, GO. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/reportagens/discipula-de-paulo-freire-assassina-machado-de-assis-4399/>. Acesso em: 15.11.2016.